

CBPF-CS-002/86

DISCURSO DE POSSE DO PROFESSOR JACQUES DANON,
COMO DIRETOR DO OBSERVATÓRIO NACIONAL

. Senhor Ministro:

Três são as grandes alegrias que se apossam de mim neste momento. A primeira é que, além de honroso privilégio, é motivo de grande satisfação ser empossado no cargo de Diretor do Observatório Nacional por V.Excia.

Recordo-me de cerca de trinta anos atrás, quando encontrava-me juntamente com V.Excia., então Deputado Federal, e os colegas José Leite Lopes, Mário Schenberg, Jayme Tiomno e tantos outros da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, empenhado na luta pela defesa de nossas riquezas minerais e pelo desenvolvimento da energia nuclear no nosso país.

Ao participarmos destes movimentos políticos tínhamos nós, pesquisadores científicos, plena consciência de que estávamos lutando simultaneamente pelo desenvolvimento da pesquisa em nosso meio.

Passados agora estes trinta anos cabe perguntar: foram atingidos os objetivos que almejava a comunidade científica?

Para responder a esta pergunta é de fundamental importância esclarecermos o que nós pesquisadores entendemos por desenvolvimento da pesquisa científica.

Isto pode ser resumido essencialmente numa única palavra: criatividade. O traço fundamental de um cientista é criatividade no campo científico. Isso que parece ser de uma generalidade um tanto banal, é no entanto, de compreensão difícil no que diz respeito à ciência.

No terreno artístico, as coisas parecem mais claras: pintor é aquele que pinta, escultor é aquele que esculpe, e assim por diante. Cientista é então aquele que produz ciência.

Mas, é aqui que começam as confusões. O que precisamente se entende por produzir ciência? Frequentemente confunde-se ciência com saber, é a idéia popular do sábio, e criatividade com competência.

Criatividade é a capacidade de produzir o novo, competência é a capacidade de reproduzir aquilo que já é conhecido.

As duas faculdades podem coexistir, mas uma não implica na outra. Uma pessoa competente não é necessariamente e até mesmo pouco frequentemente criativa.

Já aquele que é criativo não é necessariamente competente e para a realização efetiva de sua criatividade depende da colaboração de outros que a supram.

Sem dúvida nos últimos trinta anos aumentou a competência em nosso país. Mas o fato é que não foi seguida, nem de longe, por um aumento comparável de criatividade. E, penso que isto é o resultado de uma política de desenvolvimento na qual criatividade e competência foram frequentemente confundidas.

Criatividade se aprende e se exercita nos locais em que ela existe e é exercitada.

Isto parece uma trivialidade, mas não o é. A humanidade não encontrou - e poder-se-ia perguntar se é possível encontrar um manual de criatividade. Existem manuais para se fazer pontes e edifícios, automóveis e aviões, para curar doenças e exercer outras tantas competências, mas não existe manual para fazer cientistas.

As implicações educacionais disto são da maior importância. A primeira delas, é de que é nos laboratórios, nos institutos de pesquisa que se fomenta o hábito da criatividade. A transferência de criatividade de um indivíduo a outro, se exerce por processo artesanal, no contacto direto entre os cientistas. Em consequência, no desenvolvimento de tais institutos, no apoio e na diversificação dos mesmos é que poderemos aumentar o potencial criativo no país.

E, o que é que foi feito nestes trinta anos?

Foram aumentados o número de cursos, escolas, de universidades, o que sem dúvida é importante, mas não diretamente relevante para a problemática que nos interessa.

Tentou-se resolver simultaneamente a problemática de competência e de criatividade, acreditando que nas universidades o aumento da primeira acarretaria necessariamente o aumento desta última.

Como era de se esperar os resultados obtidos foram medíocres, como atesta o recente relatório da comissão que estudou o problema no Ministério da Educação.

E, poder-se-ia perguntar: afinal, porque incrementar a criatividade científica? Meramente pelo capricho de jogos intelectuais? Não, porque é essencial para o desenvolvimento autônomo de um país, para o seu desenvolvimento em ciência aplicada e tecnologia, que possua capacidade de criatividade científica.

Dizia Carlos Chagas, com muita propriedade, que o papel do cientista é colocar problemas e resolve-los. E, também com muita propriedade, dizia o Almirante Otacílio Cunha : o Brasil é o único país do mundo que possui problemas brasileiros.

A solução dos problemas sociais deste país, da flora e da fauna no contexto ecológico próprio, dos solos lateríticos, seu uso e desuso, das riquezas minerais e seu aproveitamento, e de tantos outros, exige um elevado grau de criatividade. Serão assim dadas, não só as soluções de interesse ao país, mas pela originalidade dos problemas propostos e das soluções encontradas importante contribuição ao cabedal de conhecimento científico universal.

Tive o privilégio, Senhor Ministro, de viver estes trinta anos num instituto devotado ao exercício da pesquisa fundamental, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Neste, e em outros congêneres aqui e no exterior, exerci minhas atividades de pesquisa em domínios variados, desde a química, a física, a arqueologia, e mais recentemente o estudo de meteoritos. Acredito ter sido esta experiência de vida que me qualificou para a honrosa posição para a qual fui convidado.

O Observatório Nacional é fundamentalmente um instituto de pesquisa básica. Apresenta uma interes-

sante combinação de Astronomia, Ciência eminentemente desinteressada e de Geofísica, interdisciplinar e de grande impacto tecnológico.

Aliados a estas atividades, estão técnicas da maior relevância para o país, como o Serviço da Hora, os levantamentos geomagnéticos e gravimétricos, cujo sucesso é garantido pela presença na sua direção de pesquisadores experimentados.

Do mesmo modo que outros Institutos do CNPq, o ON teve e tem tido profundo impacto em toda comunidade científica especializada. Tive a oportunidade de visitar estes dias, com o Dr. Roberto Santos, o Laboratório Astrofísico de Brasópolis, fruto dos esforços e dedicação dos astrônomos do ON e que dispõe dos melhores recursos experimentais no país para a observação astronômica.

Com estas mesmas características, de ciência básica e aplicada, é que foi fundado o Observatório Imperial, a 27 de setembro de 1827, por autorização ao Imperador Pedro I pela Assembléia Geral Legislativa do Império.

Por esta mais que centenária história passaram grandes vultos de nossa ciência e nomes ilustres de cientistas estrangeiros que aqui vieram colaborar.

Cabe cultivar este passado, respeitar a sua tradição, dar a conhecê-la, e nisto, estará sendo feita obra meritória.

Senhor Ministro, dizia-me outro dia minha filha Irene, mestre em filosofia platônica: mas que rara felicidade esta sua de estar num Observatório, justamente agora que o Cometa Halley vem de visita à Terra!

E, como dizia Platão: o começo de toda ciência é o admirar-se.

Esta, Senhor Ministro, é a razão de minha segunda alegria. Poderia um espírito menos avisado, mais preocupado com aplicações e tecnologias, perguntar: afinal, para que serve este Cometa de Halley?

Não escapa a ninguém, muito menos ao homem político, o fato de que a passagem do Cometa é um fenômeno social, de impacto muito maior do que o próprio fenômeno físico.

E assim é a força da admiração, da capacidade do homem em atividades que são intrinsecamente as mesmas que a atividade criadora, de transformar um fato físico, um tanto banal, numa poderosa força social.

E, voltando agora os olhos do céu para a Terra, chego a minha terceira e maior razão de satisfação.

É para mim de fundamental importância e é com a maior satisfação que venho a colaborar com uma alta administração do país que reconhece e enfatiza a prioridade da solução daquilo que Celso Furtado chamou de imensa dívida social contraída por nossa sociedade.

A ilusão de se criar um país poderoso na coabitação de uma minoria privilegiada com uma imensa maioria de miseráveis, revelou-se, como podia se esperar, além de desumana e perigosa, politicamente inviável.

É aqui que, como a trinta anos passados, nós cientistas, daremos nossa colaboração, pois é com a certe-

-7-

za de que só num país de homens livres da fome, das doenças e da miséria, de homens educados e conscientes, é que poderemos fazer com que floresça plenamente a criatividade científica.

Muito obrigado.